

## Um outro olhar sobre a Novembrada

Lidia Schneider Bristot  
lidiabristot@gmail.com  
Graduanda em História, UFSC

**Resumo:** Neste artigo analiso a participação das mulheres no movimento estudantil de Florianópolis em 1979, época em que ocorreu o conhecido protesto contra o presidente Figueiredo. Busco perceber, através de fontes orais, como as estudantes que vivenciaram esse momento se perceberam enquanto sujeitos ativos historicamente e quais os sentidos que dão para a experiência da militância.

**Palavras-chave:** Novembrada; Movimento estudantil; Mulheres

**Abstract:** In this paper I try to analyze women's participation in the student movement of Florianópolis in 1979, by which time occurred the famous protest against President Figueiredo. I seek to understand through oral sources, such as students who have experienced that moment perceived themselves and what meanings they give to the experience of militancy.

**Keywords:** Novembrada; Student movement; Women

O dia 30 de novembro de 1979 terminou agitado na Ilha de Santa Catarina, e os jornais do dia seguinte mostraram que o incidente daquela tarde de novembro não seria esquecido facilmente. A Novembrada, como acabou sendo conhecido o protesto contra o Presidente Figueiredo, é um acontecimento símbolo para a memória da resistência à ditadura militar em Florianópolis. Podemos perceber isso em diversas formas, como nas notícias até hoje veiculadas sobre o assunto, nas comemorações pelos aniversários do evento, nas produções cinematográficas que recontam a manifestação.

A memória de eventos traumáticos, como foi a ditadura civil-militar para o país, é algo importante não apenas para as pessoas que vivenciaram esses traumas, mas para a história política e para como a sociedade encara seu passado. Nesse momento, em que as discussões acerca desse período histórico brasileiro ressurgem com força, como temos no exemplo da Comissão Nacional da Verdade<sup>1</sup>, analisar um dos principais eventos catarinenses de resistência do período é bastante importante.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Criada pela Lei 12528/2011 e instituída em maio de 2012, tem por finalidade apurar as violações de Direitos Humanos ocorridas entre 1946 e 1988.

<sup>2</sup> Acredito que a Novembrada foi um ato de resistência à ditadura. Apesar das discussões o conceito do termo "resistência", creio que é possível encaixar a Novembrada no termo. Para mais discussões sobre Resistência(s), ler, ROLLEMBERG, Denise. Trincheiras da memória: a Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura (1964-1974). In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samanta Viz (Org.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no Século XX*. Vol. 2: Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.



Este artigo resulta de minha pesquisa como bolsista PIBIC<sup>3</sup>, e procuro nesse pequeno ensaio perceber a participação das mulheres no movimento estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) através, principalmente, de entrevistas realizadas com estudantes que militavam no movimento estudantil entre 1979 e 1980. A partir desse evento símbolo, a Novembrada, que foi planejado e organizado pelo Diretório Central de Estudantes (DCE) da UFSC, busco analisar como aquele momento foi percebido pelas estudantes, como se deu a organização, como era a atuação delas dentro do movimento, como era a relação com outros militantes universitários, enfim, as subjetividades dessas estudantes enquanto sujeitos ativos daquele momento histórico. A participação das mulheres no DCE da UFSC era grande, e dos sete estudantes presos após a Novembrada, três eram mulheres.<sup>4</sup>

Como suportes teóricos para minha análise utilizo, além das relações de gênero, a história oral, que é um instrumento de grande importância, ainda mais quando lidamos com questões de gênero, nas quais as construções subjetivas são fundamentais. Entrevistas são documentos biográficos, discursos criados pelos próprios entrevistados entremeados pela subjetividade dos próprios. Como diz Portelli, “recordar e contar já é interpretar”.<sup>5</sup> Ao narrar suas experiências os sujeitos relembram, esquecem, significam o dito e o não-dito. Através da subjetividade é que os sujeitos constroem e conferem significado à própria experiência e identidades e é isso o interessante e a riqueza dessas fontes como discursos que constituem sujeitos.<sup>6</sup> É um tipo de fonte que não deixa de trazer dificuldades ao seu uso, mas, através de um trabalho metodológico cuidadoso a história oral se torna extremamente rica, pois é com essa subjetividade típica das relações humanas que faz ser possível contar novas histórias.

Fazer história oral com mulheres é extremamente importante, pois contribuiu e contribui para expandir as fronteiras e possibilidade do fazer historiográfico. De acordo com Salvatici, “a complexidade das narrativas de mulheres e suas múltiplas perspectivas sobre o passado contribuíram para dar destaque às contradições e repressões do discurso público, de tal forma que a reivindicação de universalidade tornou-se um desafio”.<sup>7</sup> Acredito que ainda seja útil e necessário dar voz a essas mulheres, e é isso que tento realizar.

---

<sup>3</sup> Bolsista PIBIC, orientada pela professora Cristina Scheibe Wolff em seu projeto de pesquisa “O gênero da resistência Na luta contra as ditaduras militares no Cone Sul 1964-1989”, do qual participo desde agosto de 2011 dentro do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH).

<sup>4</sup> Os estudantes presos foram Adolfo Dias, Ligia Giovanella, Marize Lippel, Hamilton Alexandre, Rosângela Koerich, Geraldo Barbosa e Newton Vasconcelos.

<sup>5</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996, p. 2.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> SALVATICI, Silvia. Memórias de Gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v. 8, n. 1, p.29-42, jan-jun, 2005, p. 41.



\*\*\*

A segunda metade da década de 1970 assistiu ao início de uma abertura política no Brasil, pensada pelos militares como lenta, gradual e segura. Vários são os fatores que contribuíram para esse movimento de redemocratização do país, alguns ligados a situações internacionais, como as crises econômicas que atingiram profundamente o país, mostrando que o Milagre Brasileiro estava esgotado e não conseguia mais ter a aceitação dos tempos de crescimento econômico brasileiro.

No entanto, foram os atores internos os principais agentes que deram as características da redemocratização brasileira. De um lado estavam os militares, que tinha um projeto de abertura pensado pelo alto, conduzido e realizado apenas pelos próprios militares. Do outro lado estava a oposição, com a sociedade civil organizada e com uma visão extremamente crítica contra o regime, manifestando-se através de movimentos sociais, sindicatos, universidades e imprensa, o que acabou por levar o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) a uma atuação mais firme contra a ditadura. O processo de abertura foi uma queda de braço entre militares, no poder do governo, e a oposição civil, que buscou nesse embate ter as rédeas da abertura.<sup>8</sup>

Foi nesse cenário de abertura política que o então presidente João Figueiredo visitou Florianópolis pela primeira vez depois de eleito, em 30 de novembro de 1979. Seu governo, iniciado em março daquele ano, foi marcado pela ambiguidade. Para Robert Henry Srou, essa ambiguidade aparecia como uma abertura e liberalização da máquina estatal, no entanto sempre tutelada pelo governo de forma autoritária.<sup>9</sup> Em sua pauta em Santa Catarina estava assinar diversos convênios, anunciar a tão desejada Sidersul<sup>10</sup>, e cristalizar uma imagem de presidente popular, da abertura democrática e próximo das massas, através do slogan *João, o presidente da reconciliação*, que estava escrito em um enorme balão instalado em Florianópolis muitos dias antes da visita.

<sup>8</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>9</sup> SROUR, Robert Henry. *A política dos anos 70 no Brasil: a lição de Florianópolis*. São Paulo: Econômica editorial, 1982, p. 62-72.

<sup>10</sup> A Sidersul (Siderúrgica Sul Catarinense) era um antigo sonho catarinense. A tentativa de se implementar uma indústria de siderurgia no estado já não era nova, mas a Sidersul foi o principal movimento neste caminho, e em novembro de 1979 era a principal coisa que se buscava conseguir com a vinda do Presidente ao estado. Apesar dos convênios assinados a indústria nunca saiu do papel, sendo o projeto completamente abandonado em 1985.



Ao saber da visita que o presidente faria à cidade, o Diretório Central de Estudantes (DCE) da UFSC resolveu organizar uma manifestação, como relata Rosângela:

(...) nós sabíamos que o Figueiredo viria, então eu procurei o Adolfo, era muito amiga dele, mesmo com uma linha política diferente, falei: "Adolfo, nós não vamos fazer nada? O Figueiredo está vindo aí, o ditador", ele respondeu "ah... temos que fazer". Mas eles não queriam muito, porque era cutucar a onça com vara curta. No entanto, uma semana antes [da visita do Figueiredo] o Adolfo nos chamou para uma reunião no DCE, às escondidas. Não foi dito para todo mundo, apenas algumas pessoas mais ligadas (...) <sup>11</sup>

O movimento estudantil foi, dessa forma, um agente ativo dessa manifestação através das mulheres e homens que dele participavam em Florianópolis. Procuo analisar e perceber a presença e atuação dessas mulheres estudantes nesse momento, quando a presença feminina na Universidade é crescente e seu papel no movimento estudantil também. Além das três estudantes presas após o protesto, muitas outras estavam presentes no movimento e especificamente nesta manifestação. Em suas falas é possível perceber como elas veem essa militância. Apesar de afirmarem estar de igual para igual, o gênero é marcado nessa memória:

Sim, [havia muitas mulheres no DCE]! Aliás, acho que a gente era maioria! Tinha bastante e em cargos importantes, a gente tinha uma discussão muito de igual mesmo para com os homens. Mas eu vou te dizer, eu tenho certeza que isso também era pela propriedade dos argumentos, sem dúvida. Porque eu acho que aí é que se igualam os gêneros. As dificuldades que existem na sociedade, elas se dão muito por desconhecimento dos direitos básicos e de equiparação de direitos. E como a gente tinha isso muito claro, os homens tinham que ter bons argumentos pra contrapor! <sup>12</sup>

A década de 1970 é o período da Revolução Sexual e da Revolução das Mulheres, e apesar da ditadura existente no país era possível perceber algumas transformações na hierarquia de gênero que a modernização do país fazia surgir. No contexto de ditadura que a América Latina vivia o movimento feminista acabava se mostrando como um movimento de resistência ao regime, após o fracasso da luta armada em que muitas mulheres participaram. Isso tudo, somado à declaração da ONU de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, fez com que a década de 1970 assistisse a um crescimento da participação das mulheres na vida pública. Esse crescimento foi bastante evidente nas universidades, já que em 1956 apenas 26% dos estudantes de ensino superior eram mulheres, e esta porcentagem aumentou para 40% em

---

<sup>11</sup> SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mírian Elisa da S. A. Wagner*. Florianópolis, jan. 2003.

<sup>12</sup> LIPPEL, Thaís Helena. *Entrevista concedida à Lidia Bristot*. Florianópolis, ago. 2012.



1975,<sup>13</sup> o que acabou por refletir em uma maior participação das mulheres nos movimentos estudantis.

Em Florianópolis este aumento também é perceptível tanto no aumento de alunas matriculadas como com mulheres presentes no movimento estudantil. Em 1968, o movimento estudantil era bastante ativo na cidade, mas mesmo assim participavam bem menos mulheres que no fim da década de 1970.<sup>14</sup> O grande aumento de vagas com a expansão universitária das décadas de 1960 e 1970 possibilitou às mulheres um acesso ao nível superior nunca antes visto, e o movimento estudantil foi a porta de entrada do mundo político para muitas pessoas, principalmente as mulheres. Muitas vezes entrar para a vida universitária significa ganhar consciência da situação em que se encontra a sociedade e perceber a realidade em que se vive.

Entrei na universidade e nunca fui militante nem tinha a menor compreensão sobre a vida política. Tinha sensibilidade sobre o país que eu vivia, com as pessoas que me rodeavam, e tinha preocupação em saber a origem da miséria, porque tinha tanta gente pobre, porque tinha gente rica... Mas eu não tinha compreensão que vivíamos numa ditadura militar, nem que havia tortura ou prisioneiros nesse país. Logo que entrei na universidade, em 75, no curso de Letras, depois fiz o vestibular para Direito, e em 76 entrei no curso de Direito. Eu soube, não lembro bem a data que aconteceu a operação Barriga Verde, acho que foi em 75, comecei a despertar para esse problema.<sup>15</sup>

Nesses relatos percebe-se claramente o papel da Universidade como lugar de iniciação política, principalmente devido ao Movimento Estudantil. A isso se soma o momento especial que a Universidade Federal de Santa Catarina estava vivendo, o processo de abertura política do país, com a revogação dos decretos-lei nº 228 e nº 477 e a volta das eleições diretas para o DCE-UFSC em 1979, deu um novo gás ao movimento estudantil da cidade. O último ano da década de 1970 testemunhou uma grande onda de protestos diversos por parte dos estudantes, que se mobilizaram contra problemas internos da universidade. Em agosto ocorreu uma manifestação por melhorias nas condições do Restaurante Universitário, em setembro os estudantes do curso de Farmácia entraram em greve contra um projeto de lei para regularizar o ato médico e os estudantes de medicina se organizaram contra mudanças no currículo, em

<sup>13</sup> BARROSO, Carmen; MELLO, Guiomar de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. Fundação Carlos Chagas, *Cadernos de Pesquisa*, n. 15, p. 47-77, 1975, p. 51.

<sup>14</sup> Em 1968, nas organizações para ir ao XXX Congresso da UNE movimento estudantil florianopolitano participou ativamente e levou ao congresso 14 estudantes, todos presos como os demais participantes do Congresso. Entre os presos da delegação catarinense estão apenas três mulheres: Derlei Catarina De Luca, estudante da Faculdade de Filosofia, Gilda Laus, estudante de Direito e Rosemeire Cardoso, do Serviço Social. Ainda segundo Derlei, em seu livro de memórias, havia entre os dirigentes do movimento estudantil ligados à Ação Popular, da qual fazia parte, três mulheres. O outro grupo que dividia liderança no DCE era ligado ao PCB, representado por Roberto Motta, que seguindo a tradição do Partidão não possuía tantas mulheres militantes. Para mais informações: LUCCA, Derlei Catarina de. *No corpo e na alma*. Cocal do Sul: Imprint, 2002

<sup>15</sup> SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mírian Elisa da S. A. Wagner*. Florianópolis, jan. 2003.



novembro um ato público no campus foi organizado pelo DCE em favor da democracia nas eleições para reitor (que ocorreriam no ano seguinte).<sup>16</sup> Marize Lippel lembra que ela e outros colegas foram convidados a participar do DCE, devido à manifestação que fizeram ainda enquanto vestibulanda.

e eu fiz um vestibular conturbado, porque houve um princípio de fraude e houve uma manifestação espontânea. A partir daí as lideranças políticas da época nos chamaram e começamos a participar das reuniões do centro acadêmico de estudos básicos.<sup>17</sup>

Na fala dessas mulheres aparece marcadamente o protesto contra o presidente Figueiredo como mais um entre tantos atos organizados pelo DCE. Apesar de perceberem esse como um momento em que o movimento estudantil saiu de dentro do espaço universitário e teve grande repercussão, na ocasião ele é visto como apenas mais uma entre tantas ações realizadas pelo DCE. É importante destacar que a vitória da Chapa Unidade para o Diretório Central dos Estudantes foi fruto de um imenso trabalho desses estudantes, que se deu pela união de forças de diversas pessoas.

[A campanha para o DCE] foi um trabalho mais árduo ainda, e eu lembro que na época, não saiu na cabeça uma mulher exatamente por isso, por que foi em cima da pessoa que tivesse mais carisma. Porque eram mais chapas, a luta era mais acirrada (...). Então na época, foi um consenso para nós o nome do Adolfo, por que ele era do curso de Direito, que era um curso que tinha notoriedade, ele era uma pessoa carismática, e principalmente – se não nós não teríamos apoiado – era uma pessoa de luta, era combativo, por isso saiu o nome dele. Mas ele era completamente, pela Ligia, por mim, pela Thais, pela Margareth Grando. Ele tinha uma base muito grande de apoio, apoio que eu digo uma equipe de trabalho. A equipe de trabalho dele, quem segurava a estrutura, eram as mulheres.<sup>18</sup>

É interessante perceber nessa fala que a “base” eram as mulheres. A maioria das falas indicam a mesma coisa: de que o DCE estava sempre cheio de mulheres. No entanto, isso parece não se refletir em discussões sobre questões específicas das mulheres ou que envolvessem o feminismo. Nas lembranças das entrevistadas suas falas dizem que as mulheres eram muito bem respeitadas e levadas a sério, no mesmo patamar dos homens no movimento estudantil. Grupos de mulheres ocorriam apenas nos partidos, ambientes aí sim considerados machistas e com poucas mulheres.

As memórias são lembradas ou esquecidas como convém ao sujeito, são subjetivas e atendem a interesses diversos. Não podemos pensar nisso como fato histórico e é possível que talvez o cenário fosse diferente, o que pode explicar o porquê do movimento estudantil ainda

<sup>16</sup> SOUZA, Kennya. A UFSC sob o regime militar: do Centro de Estudos Básicos aos movimentos estudantis. In: NECKEL, Roselane; DIANA, Alita (Org.). *UFSC 50 Anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: EdUFSC, 2010.

<sup>17</sup> LIPPEL, Marize. Entrevista concedida à Lidia Bristot. Florianópolis, ago. 2012.

<sup>18</sup> Idem.



não estar aberto para questões mais amplas acerca de problemas comumente "femininos". Um trecho do livro de Derlei, apesar de se referir ao movimento estudantil de 1968 e a uma questão específica, me parece que talvez ainda fizesse sentido em 1979, e foi algo que ficou em meus questionamentos.

Até 68, na UFSC, não se discutia aborto. Nã fabrica ninguém discute também, mas em caso de necessidade concreta, praticavam. E todas ajudavam, sem esquentar a cabeça, sem questionamentos, sem teorização. Passo a noite cuidando de uma operária que fizera aborto.<sup>19</sup>

Outro momento lembrado por uma dessas estudantes foram as reuniões para organizar como seria realizado o protesto na Praça XV de Novembro:

Reunimo-nos e discutimos o documento e as faixas. Eu queria uma faixa com os dizeres, "Abaixo a ditadura", eles não permitiram. Tinham que ser faixas como "chega de sofrer, o povo quer comer", "chega de canhão, mais arroz e mais feijão", umas coisas assim, no documento também. Eu queria uma grande faixa, mas nós decidíamos tudo coletivamente, depois de muita discussão. Fazíamos votação e acatávamos o que tinha sido decidido. Briguei muito com eles, com a Marize, com a Lígia, com o Adolfo, mas não adiantou.<sup>20</sup>

Interessante perceber como essas discussões eram feitas de embates e relações de poder, e para Rosângela a decisão das faixas e do documento foi um desses momentos. Ao contrário de outras falas, que parecem lembrar esse momento como sem embates, Rosângela faz questão de afirmar um que precisou defender o que considerava correto.

Esses com certeza são os momentos mais enriquecedores, pois se aprende a defender seus ideais e se impor para isso. Com as mulheres essa questão é ainda mais significativa, pois a sociedade ensinava – e ainda ensina – que discutir, ainda mais politicamente, não é uma tarefa feminina, que o correto e o educado é não se intrometer, mesmo quando se acredita estar certa.

Dessa maneira, o movimento estudantil se torna um espaço de aprendizado, como lembrou Thais, anteriormente citada, a discussão ocorria de igual para igual, mas porque "isso também era pela propriedade dos argumentos".<sup>21</sup> Mesmo de forma subjetiva, na fala da maioria das entrevistadas aparece a questão de que as mulheres, para conseguirem se impor e serem respeitadas, precisavam se esforçar muito mais do que se fossem um homem na mesma situação.

\*\*\*

---

<sup>19</sup> LUCCA, Derlei Catarina de. *No corpo e na alma...* op. cit., p. 49.

<sup>20</sup> SOUZA, Rosângela Koerich. *Entrevista concedida a Mírian Elisa da S. A. Wagner*. Florianópolis, jan. 2003.

<sup>21</sup> LIPPEL, Thaís Helena. *Entrevista concedida à Lidia Bristot*. Florianópolis, ago. 2012.



A Novembrada então é um exemplo de como se deram as mudanças para a democracia no país, além de alertar sobre como esse não foi um movimento programado e organizado com um único propósito, e como a atuação de homens e mulheres influenciou de alguma maneira esse processo. Esse foi um momento no Brasil em que as possibilidades de atuação política e mudança eram amplas, e as mudanças culturais e sociais possibilitadas pelo feminismo na década de 1970 e pela luta feminista que nesse momento ocorria no país possibilitaram a participação de diversas mulheres nesse momento.

Florianópolis, e Santa Catarina como um todo, sempre foram regiões secundárias para o país e o Cone Sul. Contudo, a cidade, com fama de provinciana até os dias de hoje, também vivenciou a ditadura desde seus primeiros momentos. Prisões e torturas ocorreram desde 1964 e houve resistência de diversos grupos, principalmente estudantes e membros do Partido Comunista. A Novembrada continua sendo lembrada como o momento maior dessa resistência, por simbolizar um grito de basta de uma população já cansada da situação social, econômica e política que o Brasil estava.

O papel do movimento estudantil nesse evento foi muito importante, assim como o foi em diversos outros lugares do país e do mundo. Atuando desde a década de 1950 no Brasil, continuou tentando resistir durante todo o período ditatorial do país. Foi devido a isso que o governo sempre deu muita importância a esse movimento e tentou reprimi-lo de diversas formas. Seja fechando a União Nacional dos Estudantes (UNE), sancionando leis que intimidassem os alunos ou vigiando as Universidades ostensivamente.

Todas as ditaduras do Cone Sul reprimiram o movimento estudantil, e temos diversos exemplos dessas perseguições. Na Argentina a tradição militante do movimento remonta à 1918, e com o golpe de 1976 a repressão atinge os estudantes como nunca antes.<sup>22</sup> No Uruguai, com o golpe em 1973 a ditadura também sancionou leis que restringiam a atividade estudantil e interviam diretamente na Universidade. No Chile, onde se vê nos últimos anos um ressurgimento do movimento estudantil com toda a sua força nas ruas, em prol do ensino público e de qualidade<sup>23</sup>, também sofreu represálias com Pinochet, onde após o golpe de 1973 as Universidades foram os primeiros espaços ocupados pelas forças policiais.

---

<sup>22</sup> GOLIER, Juan Carlos; TOER, Mario. O movimento estudantil na transição à democracia na Argentina: estudo de uma organização na Universidade de Buenos Aires. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 8, n. 11, 1992, p. 71-94.

<sup>23</sup> Recentemente foram denunciadas pelas *Red Chilena contra la violencia hasta las mujeres*, abusos físicos, psicológicos e sexuais que policiais cometem contra estudantes mulheres que participam dos protestos atuais realizados pelo movimento estudantil Chileno ao serem presas. O que nos faz lembrar que a situação da mulher





Em todos esses países percebesse uma constante do movimento estudantil como a iniciação política da maioria das mulheres. Com o enfraquecimento da ditadura esses movimentos serão um dos primeiros a se reestruturarem e voltarem a ativa. Nessa efervescência de discussão política, em um momento em que a redemocratização abre espaço de atuação política para novos sujeitos, os movimentos sociais e os grupos políticos afloraram em diversas linhas. É nesse momento que muitas mulheres entram nesse jogo político, possibilitadas pelas mudanças culturais ocorridas na última década e pela emergência do feminismo no Brasil.

A participação das estudantes na Novembrada é um exemplo disso, pois foi uma manifestação organizada por estudantes em um contexto nacional de fortalecimento do movimento estudantil, com a reorganização da UNE de forma legal e com as possibilidades de atuação política dentro do mundo universitário através das eleições diretas para o DCE da UFSC. Tendo conquistado a possibilidade de estar dentro da Universidade, essas mulheres aproveitaram o momento histórico em que viviam e entraram para a vida pública através do movimento estudantil.

\*\*\*

Essas histórias, hoje invisibilizadas, podem ser trazidas a tona em sala de aula, assim permitindo que os estudantes tenham, além do conhecimento histórico, incentivos para se envolverem politicamente na sociedade em que vivem. Em uma época em que o movimento estudantil parece desarticulado e sem muita importância, essa talvez seja o grande valor de contar essas histórias. Além de poder se trabalhar com história oral e memória, uma vez que a Novembrada é ainda hoje lembrada constantemente na cidade, permitindo assim uma valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes e também de seus familiares.

Referências bibliográficas:

BARROSO, Carmen; MELLO, Guiomar de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. Fundação Carlos Chagas, *Cadernos de Pesquisa*, n. 15, p. 47-77, 1975.

---

mesmo hoje em dia e nesses espaços ainda é vista como errada por muitas pessoas. Disponível em: <<http://www.nomasviolenciacontramujeres.cl/node/1716>>. Acesso em: 20 ago. 2012.



FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOLIER, Juan Carlos; TOER, Mario. O movimento estudantil na transição à democracia na Argentina: estudo de uma organização na Universidade de Buenos Aires. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 8, n. 11, 1992, p. 71-94.

HEMMINGS, Clare. Contando histórias feministas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215-241, jan/abr 2009.

LUCCA, Derlei Catarina de. *No corpo e na alma*. Cocal do Sul: Imprint, 2002.

MARTINS, Celso. *Os quatro cantos do Sol: Operação Barriga Verde*. Florianópolis: EdUFSC, 2006.

MIGUEL, Luis Felipe. *Revolta em Florianópolis: a novembrada de 1979*. Florianópolis: Insular, 1995.

NECKEL, Roselane; DIANA, Alita (Org.). *UFSC 50 Anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: EdUFSC, 2010.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (Org.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2011.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

RAGO, Margareth. Novos modos de subjetivar: a experiência da organização Mujeres Libres na Revolução Espanhola. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 187-206, jan/abr 2008.

SALVATICI, Silvia. Memórias de Gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v. 8, n. 1, p.29-42, jan-jun, 2005.



SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16(2), p. 55-22, jul/dez 1990.

SROUR, Robert Henry. *A política dos anos 70 no Brasil: a lição de Florianópolis*. São Paulo: Econômica Editorial, 1982.

WAGNER, Mírian Elisa da Silva Aguiar. *Em cena, as mulheres: a novembrada como lugar de resistências*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2003.

Recebido em 28 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2012.

